

## Alexandre de Rhodes Inventou o *quôc ngu*?

Alain Guillemin\*

### *Resumo*

O autor trata da questão das relações culturais com o Vietname (também chamado Cochinchina) desde o século XVI e particularmente da introdução do alfabeto latino por vários membros da Companhia de Jesus – entre os quais portugueses –, numa fase que precedeu as relações de tipo colonial que se viriam a desenvolver posteriormente, em particular com a França. Sublinha ainda como é importante manter a memória desse diálogo Ocidente-Oriente não obstante a atual situação pós-imperial e pós-colonial.

*Palavras-chave:* Companhia de Jesus, jesuítas, alfabeto, colonialismo, Cochinchina, evangelização, línguas

### *Abstract*

The author addresses the issue of cultural relations with Vietnam (also called Cochinchina) since the 16th century and particularly the introduction of the Latin alphabet by several members of the Society of Jesus – including Portuguese – in a phase which preceded the colonial type of relationship that would develop later, particularly with France. It also emphasizes the importance of maintaining the memory of the East-West dialogue despite the current post-imperial and post-colonial reality.

*Keywords:* Society of Jesus, the Jesuits, the alphabet, colonialism, Cochinchina, evangelism, languages

---

\* Université d'Aix-en-Provence



## 1. Um Viajante Poliglota

Alexandre de Rhodes nasceu em Avignon em 15 de março de 1591, numa família de negociantes de seda originária da aldeia de Calatayud, em Aragão. Estes marranos fugiram da Inquisição para se refugiar em Avignon, então terra papal acolhedora para os judeus. Como muitos chefes de famílias judias convertidas ao catolicismo, o pai de Alexandre decidiu modificar o seu sobrenome de «Rueda» para «Rode», depois para «de Rode» e finalmente para «de Rhodes»<sup>1</sup>. Em 1609, com 18 anos, Alexandre de Rhodes chega a Roma. Em 14 de abril de 1612 entra para a Companhia de Jesus. Ali aperfeiçoa o seu conhecimento das línguas antigas (latim, grego e hebreu), aprende o italiano e estuda as matemáticas.

Decide dedicar-se à evangelização do Japão e abandona Roma em outubro de 1618 em direção a Lisboa, então principal porto de embarque da Europa para as Índias Orientais. Ele aprende português enquanto espera pela partida, em 4 de abril de 1619, no *Santa Teresa*, com destino a Goa. Entre os quatrocentos passageiros deste navio, figuram outros missionários jesuítas, como Jérôme Majorica, autor prolífico de textos cristãos em *chu nôm* (escrita vietnamita em caracteres inspirada nos ideogramas chineses), evangelizador do Tonquim e da Cochinchina.

O navio passa o Cabo da Boa Esperança em 20 de julho de 1619 e chega à ilha de Goa em 9 de outubro do mesmo ano. Ali, Alexandre de Rhodes é recebido pelos jesuítas instalados em Goa desde a chegada de Francisco Xavier em 1542. Vai permanecer dois anos e meio em Goa e em Salsete, onde cai gravemente doente. Ali conheceu o jesuíta francês Etienne de la Croix, com quem aprende uma língua local: o canará ou canarim (língua dravidiana próxima do tamil).

Em 12 de abril de 1622, ele retoma o curso da sua viagem rumo ao Japão. Partiu então para Malaca, onde chega a 28 de julho de 1622 e teve de esperar cerca de nove meses antes de poder voltar ao mar.

Acabado de chegar a Macau em 29 de maio de 1623, dedica-se ao estudo do japonês. Em virtude da intensificação da perseguição dos cristãos no Japão e do encerramento progressivo do país, iniciado em 1612, os seus superiores decidem orientá-lo para um outro destino: o Dai Viet, onde os padres Francesco Buzomi (1576-1639) e Diogo

---

1. O sobrenome «Rueda» vem de *rueda* (rodela), pequeno dístico amarelo que os judeus eram obrigados a usar ao peito a partir do século XIII.

Carvalho (1578-1624) haviam estabelecido, em 1615, uma missão em Tourane (hoje Da Nang).

Após 18 meses passados entre Macau e Cantão, Rhodes embarca com outros cinco jesuítas, entre os quais Gabriel de Matos, com destino a Faifo (hoje Hoi An), um dos principais portos do que ele designa por Cochinchina, no sul de Tourane. É um grande centro económico que desenvolve relações comerciais com os japoneses e os portugueses. Chega ao Tonquim em março de 1626 e em poucos meses controla suficientemente o vietnamita para pregar nessa língua. Em 12 de março de 1627, em companhia do jesuíta Pedro Marques, Alexandre de Rhodes embarca para o Tonquim. É enviado pelos seus superiores para auxiliar o jesuíta italiano Giuliano Baldinotti, que sente grandes dificuldades em dominar o vietnamita. A primeira igreja do Tonquim é construída próximo de Thanh Hoa. No entanto, a pregação fica rapidamente comprometida pelo conflito que eclode, motivado pela oposição dos missionários à poligamia e avivado por rumores de espionagem propagados pelos mandarins ao serviço do rei. Colocado sob prisão domiciliar em Hanói em janeiro de 1630, Alexandre de Rhodes é banido em maio pelo imperador Trinh Tráng, pressionado pelas suas concubinas. Não podendo regressar à Cochinchina, tanto mais desfavorável aos religiosos cristãos quanto esta os imagina como espiões do Tonquim, Alexandre de Rhodes regressa a Macau, onde ensinará teologia moral durante quase dez anos.

Entre 1640 e 1645, Alexandre de Rhodes empreenderá quatro viagens em direção à Cochinchina como superior das missões (Janeiro-Setembro de 1640, dezembro de 1640-Julho de 1641, janeiro 1642-Setembro de 1643, janeiro 1644-Julho de 1645). A maior parte do tempo deverá trabalhar na clandestinidade, em virtude da hostilidade das autoridades locais. Expulso da Cochinchina em 3 de julho de 1645, desembarca em Macau vinte dias depois. Com vista a obter mais apoio da Santa Sé, decide-se que Alexandre de Rhodes regresse a Roma para defender a causa das missões da Ásia. Antes de partir, ele inicia os seus sucessores, Carlo della Roca e Metello Sacano, na língua anamita.

Partindo de Macau em 20 de dezembro de 1645, acompanhado por um jovem cristão chinês, só chegará a Roma em 27 de junho de 1649, depois de muitas vicissitudes. Chegado a Roma, expõe a situação da Igreja na Cochinchina e no Tonquim e solicita junto da *Sacra Congregatio de Propaganda Fide* o apoio do Vaticano para o estabelecimento

de missões. Ele defende a formação de um clero autóctone e reclama a nomeação de um bispo in partibus para a Cochinchina e o Tonquim, opondo-se, assim, à dominação política e religiosa do Padroado português.

Deixa Roma em 11 de setembro de 1652, incumbido pela *Propaganda Fide* de encontrar as pessoas e os fundos necessários para cumprir a missão. Ele percorre o Piemonte e a Suíça e, em seguida, regressa a Paris em janeiro de 1653. Ali conheceu o padre Jean Bagot, jesuíta bem introduzido nos meios do poder, que havia sido confessor do jovem Luís XIV. É entre os discípulos do padre Bagot que ele encontra voluntários para partir para o Tonquim e a Cochinchina, nomeadamente François Pallu, que será um dos três vigários apostólicos nomeados em 1658 pelo papa para as missões da Ásia, ato fundacional das Missões Estrangeiras de Paris. Por outro lado, a Companhia do Santo Sacramento, apoiada por Ana de Áustria, São Vicente de Paulo e Bossuet, disponibiliza os financiamentos necessários para o projeto de Alexandre de Rhodes. Mas a iniciativa deste último corria o risco de envenenar as relações entre o papa, o rei de Portugal e a Companhia de Jesus. Caído em desgraça, é enviado para a Pérsia em novembro de 1654, onde se inicia imediatamente na aprendizagem da língua. É lá que morre em novembro de 1660.

As paragens são, por conseguinte, no itinerário de Alexandre de Rhodes, oportunidades para aprender línguas. Alexandre de Rhodes conhecia doze a treze línguas: o francês e o provençal, as suas línguas maternas, o latim, o grego, o italiano e possivelmente o hebreu, o português, o espanhol, o canarim, o chinês, o japonês, o persa e o vietnamita, línguas «que quase todas falava fluentemente» (Cadière, 1915: 239). Alexandre de Rhodes era modesto. À sua chegada ao Vietname, ele confessa a sua perplexidade: «Para mim, confesso-vos que quando cheguei à Cochinchina e ouvi falar os nativos do país, particularmente as mulheres, parecia-me ouvir os pássaros a gorjear e perdi a esperança de alguma vez a conseguir aprender» (Rhodes, 1854: 87). Mas se ele era desprovido de vaidade, tinha, no entanto, para o estudo das línguas, «uma facilidade maravilhosa» (Cadière, 1915: 239). Não tarda a dominar o gorjeio dos pássaros: «Comecei a tomar a peito essa tarefa: davam-me todos os dias lições que eu aprendia com a mesma aplicação com que outrora aprendera teologia em Roma; e Deus quis que, em quatro meses, eu soubesse o bastante para ouvir as confissões e, seis

192 meses depois, eu pregava na língua da Cochinchina, o que continuei a fazer durante muitos anos» (Rhodes, 1854: 88). O padre Alexandre de Rhodes estava, portanto, bem munido «para desvendar, reconhecer, diferenciar e anotar por sinais adequados os diversos sons, por vezes tão próximos, tão fugidios da língua anamita» (Cadière, 1915: 239).

## 2. Alexandre de Rhodes e o *quốc ngữ*

*O Dictionarium Anamiticum Lusitanum et Latinum* e o *Catechismus Pro iis qui volunt suscipere Batismum*, publicados em Roma em 1651, são, com efeito, duas obras fundamentais e insubstituíveis, que lançam as bases da romanização do vietnamita e nos permitem também conhecer o estado da língua vietnamita no século XVII e a sua evolução. Interessamo-nos, nesta exposição, apenas pelo dicionário.

Quando redigiu Alexandre de Rhodes o seu dicionário? Sem dúvida durante as suas estadias no Vietname. Mas os sete anos que no total ali passou foram intercalados de idas e voltas, de partidas e de regressos. Se acrescentarmos que ele foi solicitado pelas tarefas de organização da missão e que viveu frequentemente na clandestinidade ou na semiclandestinidade, situação pouco propícia à pesquisa lexicográfica, pode-se colocar a hipótese que ele trabalhou no dicionário durante a sua longa estadia em Macau, entre 1630 e 1640: «Embora não falasse disso na sua obra, acreditamos que o Padre de Rhodes aproveitou os dez anos de calma intelectual, se não para redigir, pelo menos para lançar as bases de duas obras capitais para uso dos catecistas anamitas e dos missionários: estamos a falar do seu catecismo e do seu dicionário» (Bordreuil, 1954: 79). Por outro lado, a sua estadia em Roma permitiu-lhe concretizar as tarefas materiais da publicação da sua obra.

O padre Léopold Cadière, especialista na matéria, sublinha o seu grande domínio da língua: «Nada do que dizia respeito ao anamita, ao dialeto do Tonquim e ao da Cochinchina era segredo para ele. (...) Acrescente-se que ele nos dá sobre o estado antigo da língua anamita, sobre usos e costumes hoje desaparecidos, informações que não encontramos em mais parte nenhuma. (...) Acrescente-se que, para o sentido das palavras, a obra é de uma segurança impecável e que as noções de gramática que ele acrescentou ao seu dicionário denotam uma compreensão muito profunda do mecanismo por vezes complicado e subtil da sintaxe anamita» (Cadière, 1915: 238-39).

*Linguae Annamiticae seu Tunchinensis Brevis Declaratio*, o compêndio de gramática anamita de 31 páginas que figura no fim do seu dicionário, «oferece uma visão geral do funcionamento da língua vietnamita. Ele consagra 6 dos 8 capítulos ao tratamento dos problemas da classificação das palavras em vietnamita» (Lê Thj Xuyên et al., 2004: 143)<sup>2</sup>.

Alexandre de Rhodes segue de perto «as práticas linguísticas entre os anamitas em função dos diferentes meios sociais» (Lê Thj Xuyên et al., 2004: 149). Mas ele faz entrar a sintaxe vietnamita no quadro já fixado da sintaxe latina: «Ali se podem encontrar as noções gramaticais utilizadas para uma descrição da língua latina, como o caso, os tempos e modos, o número, o gênero, as preposições... É um efeito da "gramática latina extensiva" que impõe o seu quadro descritivo, fixado há séculos, para as "novas" línguas a descrever» (Lê Thj Xuyên et al., 2004: 150). Este ponto de vista tem sido criticado pelos linguistas vietnamitas, que o acusam de não fazer justiça aos traços específicos da sintaxe vietnamita.

Para realizar o seu dicionário, é possível que Alexandre de Rhodes se tenha servido dos primeiros trabalhos de romanização da língua japonesa (romaji) de Yajiro, um japonês convertido de meados do século XVI, mas os seus verdadeiros precursores são os jesuítas vindos de Portugal. No «aviso ao leitor» do seu dicionário, Alexandre de Rhodes reconhece, aliás, a sua dívida para com os predecessores. Ele diz ter trabalhado com base num dicionário vietnamita-português composto por Gaspar do Amaral e num dicionário português-vietnamita devido a António Barbosa. Mas o seu primeiro mestre foi Francisco de Pina, também um português. Pina elaborara em 1622 um sistema de transcrição alfabética adaptado à fonética e aos tons da língua vietnamita, compusera um florilégio de trechos escolhidos e começara a redigir uma gramática (Jacques, 1998: 37). Em 1624, Pina abre a primeira escola de língua vietnamita para estrangeiros, com nomeadamente dois alunos: António de Fontes e... Alexandre de Rhodes.

Não é, portanto, de admirar que as convenções fonéticas do *quốc ngữ* revelem uma influência do português, à qual não é, sem dúvida,

2. Os capítulos são os seguintes: letras e sílabas que compõem a língua (capítulo 1); acentos e outros sinais nas vogais (capítulo 2); os nomes, os adjetivos e os advérbios (capítulo 3); os pronomes (capítulo 4); outros pronomes (capítulo 5); os verbos (capítulo 6); as partículas indeclináveis em vietnamita (capítulo 7); alguns elementos de sintaxe (capítulo 8).

estranho o facto de, entre os 145 jesuítas que residiram no Vietname entre 1615 e 1788, se contarem 74 portugueses contra 30 italianos, 5 franceses e 4 espanhóis. Com efeito, o alfabeto vietnamita é uma adaptação do vietnamita ao alfabeto latino utilizado nas línguas romanas faladas pelos missionários. Para a notação dos tons, foram empregues sinais utilizados em grego, o til para notar o tom *nga*, o ponto de interrogação subscrito para notar o tom *hoi* e acrescentou-se um ponto subscrito para notar o tom *nang*. Nessa transcrição, Nguyễn Phú Phong (2001: 13-17), no seguimento de André-Georges Haudricourt (1949: 61), sublinha o peso da língua portuguesa. No que respeita às consoantes, vêm do português o gi, o ch, o x, o nh, e as vogais â, ê e ô.

O jesuíta português e Alexandre de Rhodes realizaram, portanto, a escrita alfabética do vietnamita, mas isso não significa que tenham ignorado o *chu nô*; bem pelo contrário. O *chu nô* foi amplamente utilizado para a evangelização, sob a forma de catecismos, de histórias dos santos, de compilações de palavras santas. Um missionário italiano, Girolamo Majorica, assinou 48 obras diferentes, constituindo um conjunto de 4200 páginas (Lê, 1995: 60-61). Com efeito, como sublinha Roland Jacques (1998: 51), a escrita romanizada é antes de tudo destinada à instrução e ao uso dos missionários: «Ela fornecia-lhes uma interface muito útil com a língua oral; além disso, oferecia-lhes um meio de troca intelectual e de comunicação escrita com os principais dirigentes vietnamitas da comunidade cristã, a quem se exigia, com esse objetivo, a aprendizagem da nova escrita. Esta situação, caracterizada por uma difusão muito restrita do *quôc ngu*, evoluirá muito lentamente a partir de meados do século XVIII. Só então a escrita alfabética começará a difundir-se mais na comunidade cristã; isso será por razões de segurança face a um regime inquisitorial e talvez também devido à comodidade do seu emprego».

Mas a realização do *quôc ngu* não se deve apenas aos missionários europeus; eles não teriam conseguido essa tarefa sem a ajuda dos cristãos vietnamitas, dos catecistas, dos irmãos e, claro, dos padres. É, aliás, a eles que se devem as primeiras obras em prosa vietnamita, escritas numa língua «vulgar» e transcritas em alfabeto latino: a *Histoire du Pays d'Annam* de Bento Thien (1659) e o *Carnet de Notes et de Divers Faits* (*Sach sô sang chep cac viêc*), redigido em Lisboa pelo jesuíta Philippe Binh (1822). O papel considerável constantemente desempenhado pelos letrados vietnamitas nesta empresa lexicográfica é



injustamente ignorado, ficando estes colaboradores «indígenas» frequentes vezes no anonimato. Apenas alguns testemunhos dão conta dessa colaboração. Francisco de Pina foi ajudado por um jovem letrado vietnamita batizado com o nome de Pero e «melhor escritor das letras chinesas» (Jacques, 1998: 3). Alexandre de Rhodes (1854: 89) exprime a sua dívida de reconhecimento em termos comoventes: «Quem me ajudou maravilhosamente foi um menino do país, que me ensinou em três semanas todos os vários tons da língua e a forma de pronunciar todas as palavras; ele não compreendia a minha língua, nem eu a dele, mas ele tinha um espírito tão fino que compreendia tudo o que eu queria dizer; e, com efeito, nessas mesmas três semanas, ele aprendeu a ler as nossas letras, a escrever e a servir a missa; fiquei surpreso com a perspicácia deste espírito e a firmeza da sua memória». Monseñor Pigneau de Behaine, que compôs o seu dicionário em Pondicherry entre junho de 1772 e junho de 1773, realizou esse trabalho com a ajuda de oito letrados cochinchinos.

### 3. Da Missão Católica à Generalização do *quôc ngu*

Pigneau de Behaine pertencia às Missões Estrangeiras de Paris. Com efeito, são os padres das Missões Estrangeiras, sucessores dos jesuítas, que prosseguem a realização do *quôc ngu*. O *Dictionarium Annamitico Latinum* de Pigneau de Behaine é o primeiro dicionário a incluir os caracteres romanizados e os caracteres vietnamitas, os *chu nô*m, que o dicionário de Alexandre de Rhodes não considerava. Ao racionalizar o sistema consonântico e o dos tons, ele revê, corrige e enriquece o dicionário de Alexandre de Rhodes. Monsenhor Tabert utiliza o dicionário manuscrito de Pigneau de Behaine e imprime-o em 1838 em Serampore, na Bengala Ocidental, sob o título *Dictionarium annamitico latinum*. Este dicionário, em que «o contributo de monsenhor Tabert está mal definido, (...) contém cerca de 10.000 termos, com uma descrição detalhada dos vários sentidos de cada termo» (Moussay, 2009: 2).

Em 1868, o padre Legrand de la Liraye edita o seu *Dicionário Elementar Anamita-Francês*. O dicionário anamita-latim de monsenhor Tabert é revisto e completado por monsenhor Joseph Theurel, vigário apostólico do Tonquim Ocidental, mas morre em 1868, antes de concretizar o seu projeto. O padre Charles Lesserteur termina o trabalho e publica o dicionário nas prensas da Missão de Ke-So, em 1877.

O padre Génibrel, das Missões Estrangeiras de Paris, publica em 1898 o seu grande *Dicionário Anamita-Francês*. Do início do século até 1928, vários missionários das Missões Estrangeiras de Paris publicaram uma série de pequenos léxicos, nomeadamente os padres Ravier, Dronet, Pilon, Barbier e Masseron. Em 1937 aparece o volumoso *Dicionário Anamita-Chinês-Francês* do padre Hue.

Esta obra lexicográfica dos missionários é coroada pela publicação, em 1957, do *Dicionário Vietnamita-Chinês-Francês* do padre Eugène Gouin, reeditado em 2002 pelas Éditions You Feng, que continua a ser um dicionário de referência, mesmo se os dicionários mais recentes tiveram em conta a evolução do vietnamita escrito e falado. Devemos ainda acrescentar as gramáticas, os livros e os numerosos artigos tratando de fonética ou de linguística. Assim, se os missionários traduziram poucas obras literárias, exceto contos, eles forjaram a maioria das ferramentas de tradução. Além dos missionários, deve-se destacar a importante contribuição lexicográfica de Georges Cordier, que publica em 1930 o seu *Dicionário Anamita-Francês para Uso dos Estudantes e dos Anamitizantes*.

É também pelo filtro dos meios católicos, mais dispostos a colaborar com os conquistadores, que também passará o *quốc ngữ*, nomeadamente graças aos escritos de dois grandes eruditos, Huynh Tinh Cua (1834-1907) e Truong Vinh Ky (1837-1898). O primeiro, governador de província, traduz os decretos das autoridades de Saigão, vulgariza o *quốc ngữ* no primeiro jornal em língua vietnamita e em alfabeto latino – o *Jornal de Gia Dinh (Gia Dinh Bao)* –, publica contos e lendas recolhidos entre 1880 e 1887 e compõe, em 1897, um dicionário da língua vietnamita com base no modelo dos dicionários de língua francesa. Mas um dos grandes artífices da propagação do *quốc ngữ* é Truong Vinh Ky. Génio poliglota, goza da fama de ter aprendido siamês, birmanês, laociano, cambojano e chinês no Sião, assim como japonês, hindi, grego, latim, português e francês no Seminário de Penang, na Malásia. Em 1863, acompanha Phan Thanh Gian, na qualidade de secretário intérprete da comissão de embaixada enviada a Paris para o resgate das três províncias cedidas à França. Nomeado, no seu regresso, diretor do Colégio dos Intérpretes e professor no Colégio dos Estagiários, consegue, em 1865, a supressão dos concursos literários sino-vietnamitas na Cochinchina, antes de se tornar, em 1866, ministro no Tribunal de Hué. Da impressionante obra deste polígrafo, historiador, ensaísta político,

romancista, poeta e tradutor, importa reter, para o nosso propósito, a redação, em 1863, da primeira gramática vietnamita escrita por um vietnamita, um *Pequeno Dicionário Franco-Anamita*, a transcrição para *quốc ngữ* de algumas obras-primas da literatura em *chu nô*m, tais como *Kim Van Kieu*, *Phan Tran* e *Luc Van Tien*, e a redação de narrativas em prosa, nomeadamente *Viagem a Hanói*, publicada em 1887.

Em matéria de literatura romanesca, foi também na órbita do catolicismo que foi redigida «a primeira narrativa moderna onde o eu está envolvido, escrita em prosa e em *quốc ngữ* à maneira ocidental e descrevendo personagens da época com a sua vida interior, familiar e social» (Pham Dan Binh, 1993b: 57). Trata-se de *Truyện Thầy Lazarô Phiên* (*História de Lázaro Phiên*) de Nguyễn Trọng Quan, editada em Saigão em 1887 por J. Linage. O tema, o ambiente e as personagens são católicos: o herói, Lázaro Phiên, procurará refúgio na vida religiosa depois de ter morto, por ter acreditado numa carta enganosa, a sua jovem esposa e o seu melhor amigo (Pham Dan Binh, 1993b: 57).

Na primeira metade do século XX, as contribuições dos autores vietnamitas multiplicaram-se muito para além dos meios católicos. Importa nomeadamente citar: Buu Cân, *Léxico de Expressões Sino-Anamitas Correntes* (Hanói, 1933); Do-van-Dap, *Dicionário Sino-Anamita* (Nam-dinh, 1933); Dao Duy Anh, *Dicionário Francês-Anamita*, com transcrição em caracteres chineses dos termos sino-anamitas (Hanói, 1936); Long-Diên Nguyễn van Minh, *Dicionário de Alusões Literárias Dispos-tas por Ordem Alfabética* (Hanói, 1941); Hoàng Xuân Hãn, *Vocabulário Científico* (Saigão, 1948); Dao van Tiên, *Vocabulário Científico* (Paris, 1945); Dào-van-Tập, *Dicionário Geral Vietnamita-Francês* (Saigão, 1950); Dào-van-Tập, *Dicionário Geral Francês-Vietnamita* (Saigão, 1950); Lê-Bá-Kông, *Dicionário Inglês-Vietnamita* (Hanói, 1950); Lê-Bá-Kông, *Dicionário Vietnamita-Inglês* (Hanói, 1950); Dào-van-Tập, *Dicionário Vietnamita* (Saigão, 1951); Trần van Hiệp, *Dicionário Sino-Vietnamita* (1951); Thanh-Nghi, *Dicionário Vietnamita-Francês* (Saigão, 1952); Dao Dang Vi, *Dicionário Francês-Vietnamita* (Saigão, 1952) (Moussay, 2009: 8).

Estas ferramentas linguísticas foram de uma ajuda preciosa para os colonizadores. Com efeito, uma necessidade prática motivava os atores da colonização: aprender a língua dos colonizados e formar intérpretes, elo de transmissão dos conquistadores. Para isso, apoiaram-se nos missionários. O Colégio dos Intérpretes de Saigão, que em 1861

contava um milhar de inscitos, mais não era do que a transformação do Colégio de Adran, onde os missionários ensinavam o *quốc ngữ* e o latim a 40 alunos. No mesmo ano, precisamente três anos depois da intervenção da França, o oficial de marinha Gabriel Aubaret publica em *quốc ngữ* um *Vocabulário Francês-Anamita e Anamita-Francês*, seguido de uma *Gramática Anamita*, em 1867. O francês sucede ao latim, mas o caráter instrumental da empresa permanece. Nesta perspectiva, como sublinha Paulin Vial, diretor do Interior da Cochinchina, o uso dos caracteres é um obstáculo ao bom funcionamento da administração colonial e à boa comunicação entre franceses e vietnamitas: «Desde os primeiros dias reconheceu-se que a língua chinesa era mais uma barreira entre nós e os indígenas; a instrução dada pelos meios hieroglíficos escapava-nos completamente; esta escrita só dificilmente permite transmitir à população as diversas noções que lhe são necessárias, ao nível da sua nova situação política e social» (Nguyễn Van Hoan, 1984: 78). Em 22 de fevereiro de 1869, também um decreto do governo da Cochinchina torna obrigatório o emprego do *quốc ngữ* nos documentos administrativos.

Além dos agentes da administração colonial e das pessoas que a ela estão de uma maneira ou de outra ligadas, esta escrita é inicialmente rejeitada pelos vietnamitas. Para alguns letrados patriotas, é a escrita dos conquistadores, ou seja, dos bárbaros. Um deles, Nguyễn Ba Hóc (1857-1921), antes de se tornar um dos melhores romancistas da revista *Nam Phong*, obrigado, para encontrar um emprego, a aprender o *quốc ngữ*, sentiu vergonha: «Geralmente eu não me atrevia a aprender em voz alta; quando um visitante vinha a minha casa, depressa eu escondia o manual no meu bolso – esse manual continha as 24 letras do alfabeto latino –, como se se tratasse de um livro secreto, de um manual proibido» (Nguyễn Van Hoan, 1984: 80).

No entanto, no início do século XX, toda uma série de fatores impeliram os patriotas vietnamitas a fazer do *quốc ngữ* uma das ferramentas da luta pela independência nacional. A assinatura, em 1884, do tratado de Huế (também conhecido por tratado Patenôtre), que reconhece a dominação francesa sobre todo o Vietname, e a morte, em 1895, de Phan Đình Phùng, que marca o fim do movimento de resistência realista, desencadeiam o aparecimento de uma nova geração de nacionalistas, cujos líderes são incontestavelmente Phan Bội Châu e Phan Châu Trinh. Eles tomam conhecimento das obras de Descartes, Montesquieu,

Voltaire e Rousseau através das traduções chinesas e inspiram-se nos livros novos (*tân thu*) dos reformistas chineses, como Kang Youwei e Liang Qichao. As vitórias do Japão sobre a China, em 1895, e sobre a Rússia, em 1905, levam Phan Bội Châu a preconizar a «viagem para leste», ou seja, o Japão, para onde partem clandestinamente estudantes vietnamitas para frequentar os cursos das escolas «ocidentais» criadas pelos japoneses. Mas aqueles estudantes serão expulsos do país na sequência de um acordo franco-nipónico. Phan Châu Trinh adianta os princípios da Revolução Francesa para fundamentar a luta anticolonial. Os dois «Phan» fazem também parte do grupo de letrados que, em nome da modernização e da crítica ao neo-confucionismo, considerado como uma traição à doutrina de Confúcio, abrem em 1907 a Escola da Justa Causa (*Đông Kinh Nghĩa Thục*), que se propõe ensinar gratuitamente o *quốc ngữ* e promover a modernização da cultura vietnamita. Após somente nove meses, a escola foi dissolvida pela administração colonial, tendo os seus dirigentes, animadores e adeptos sido detidos e presos, nomeadamente na colónia penal de Poulo Condor. Mas os seus métodos e a sua doutrina já se haviam propagado pelo país. A partir de agora, *quốc ngữ*, modernização e independência são indissociáveis: «Tendo recebido o batismo das mãos dos patriotas, o *quốc ngữ* já não era “as letras deles” (franceses, padres católicos), mas o menino nascido da língua vietnamita e desfrutando agora da consideração e da estima do povo vietnamita» (Nguyễn Văn Hoan, 1984: 82).

Esta vitória do *quốc ngữ* é indissociável do desaparecimento dos concursos trienais, modo de recrutamento tradicional dos mandarins vietnamitas. Estes concursos deixaram de ser organizados na Cochinchina a partir do reinado de Tu Duc. Os dois últimos foram organizados em Nam Dinh, em 1915, e em Hué, em 1919. A supressão dos concursos trienais acelera não somente o recuo do estudo dos ideogramas, como também traduz uma profunda mutação cultural: «Os concursos literários são a partir de então concorrenciados pelos novos canais escolares e, depois, a pouco e pouco, desvalorizados pois cada vez menos conduzem às novas vias da promoção social» (Brocheux & Hémery, 2004: 218).

Os letrados modernistas são, aliás, adeptos convictos do *quốc ngữ*: «Os letrados vietnamitas vêm, por sua vez, a considerar o *quốc ngữ* como um instrumento eficaz para difundir o Novo Pensamento, as Novas letras e os novos manuais junto das massas... Esta adoção do *quốc*

*ngu* é acompanhada por um início de difusão de obras modernistas publicadas sob a sua responsabilidade e no quadro das ações culturais e educativas» (Trinh Van Thao, 2007: 207). É nesta lógica que é publicada a primeira obra de síntese sobre a cultura ocidental: *Van minh ân hoc sach* (*Novos Estudos Antropológicos*) (Trinh Van Thao, 2007: 208).

A escolha do *quôc ngu* pelos vietnamitas é indissociável de um movimento de alfabetização em massa. De acordo com David Marr, entre 1920 e 1940, foram editados 88 manuais diferentes em 364 edições, totalizando 3,7 milhões de exemplares (Pham Dan Binh, 1993a: 135). Estes manuais tinham por objetivo não só vulgarizar o *quôc ngu*, mas também lutar contra o analfabetismo. Em 1926, segundo Georges Garros, havia apenas 200.000 alunos para três milhões de crianças em idade escolar. Em 1938, para compensar a insuficiência dos poderes públicos, é criada a associação para a vulgarização do *quôc ngu* que, por volta de 1945, recruta 1971 professores para 59.827 alunos e distribui 175.000 abecedários (Pham Dan Binh, 1993a: 135-136). Esta campanha contra o analfabetismo é generalizada pela Frente Revolucionária. «Entre setembro de 1945 e dezembro de 1946, o Serviço de Educação das massas mobilizou 95.665 instrutores voluntários para ensinar 2.520.678 pessoas a ler e a escrever. Em finais de 1958, podia-se dizer que 93,4% da população das planícies, entre os 12 e os 50 anos, o tinha conseguido» (Pham Dan Binh, 1993a: 136).

O *quôc ngu* tornou-se o veículo da modernização e da identidade nacional: «O imaginário popular mostra o presidente Hô Chi Minh, ele próprio filho de um letrado patriota, voluntariamente, no quadro preto, ensinando as crianças dos campos a ler e a escrever a sua língua num alfabeto romanizado. O *nôm* apagou-se até desaparecer completamente, enquanto que a escrita que fora dos missionários e dos franceses passava a ser a escrita única de toda a gente no Vietname: a "escrita nacional". Utilizada em todos os domínios, depressa se viu promovida à categoria de veículo ideológico» (Jacques, 1998: 51).

## Conclusão

No final deste artigo, regressemos à figura de Alexandre de Rhodes e à progressiva tomada de consciência do seu papel pelas autoridades vietnamitas. Com efeito, após 1975, a rejeição do episódio colonial desencadeia a rejeição da obra de Alexandre de Rhodes: «A romanização

da escrita foi classificada como um ato político hostil, como uma empresa de desestruturação cultural visando dividir a comunidade nacional e impor uma dominação estrangeira» (Jacques, 1998: 24).

Nesta lógica, o memorial de Alexandre de Rhodes foi retirado: «Mas infelizmente, o monumento desapareceu um dia, há uma trintena de anos. Quem o retirou? Ninguém sabe! Ato político ou simples vandalismo, o mistério permanece intacto... (...) A estela (...), embora volumosa, desapareceu do seu pedestal... Uma vez foi vista na oficina de um serralheiro que se servia dela como... bigorna. Depois uma comerciante de chá utilizou-a como balcão – bem prática tanto para beber como para se cultivar! Alguns até a viram à beira do rio Vermelho... Nos anos 80, o espaço dedicado a Alexandre de Rhodes assistiu ao levantamento de um soberbo monumento revolucionário branco imaculado à glória dos patriotas: três grandes estátuas de combatentes, incluindo uma mulher. No pedestal, esta inscrição: "Prontos a sacrificar-se pela Pátria"» (Hông Nga & Sébastien, 2004).

Foi preciso esperar por 1993 para que Alexandre de Rhodes fosse reabilitado. Nesse ano, o Clube dos Historiadores organizou um colóquio sobre Alexandre de Rhodes e o professor Nguyễn Lân evocou o memorial do francês, afirmando que ele nunca devia ter sido derrubado. Le *Courrier du Việt Nam* comenta esta remoção nos seguintes termos: «Este ato revelava uma certa estreiteza de espírito, um desconhecimento total da história e, de toda a maneira, era indigno do nosso povo (...). E Alexandre de Rhodes também não trabalhou para o povo vietnamita? A escrita romanizada, de aprendizagem muito mais fácil do que os ideogramas, favoreceu o acesso ao saber e à informação de vastas camadas da população e permitiu também enfraquecer o poder dos mandarins, que em grande parte assentava no seu saber tradicional escrito em caligrafia *chu nho* e *chu nôm*. E o missionário era também um humanista, próximo da população» (Hông Nga & Sébastien, 2004).

Chegara a hora de voltar a dar a Alexandre de Rhodes um espaço de memória no coração da capital vietnamita. O professor Nguyễn Lân propôs erguer um busto no parque Tao Dân, em frente à Universidade de Farmácia de Hanói. Mas é também possível voltar a pôr no lugar a velha estela que está agora depositada nas instalações do Comitê de gestão dos vestígios históricos e dos locais turísticos da capital. Em 1995, o Centro das Ciências Sociais e Humanas organiza um colóquio sobre a vida e a obra do missionário francês. Na sua intervenção

- 202      relative às contribuições do jesuíta no Vietname, o doutor Nguyễn Duy Quy conclui da seguinte forma: «Contamos colocar a velha estela no recinto da Biblioteca Nacional. Queremos também voltar a dar a uma rua de Hô-Chi-Minh-Ville o nome do célebre missionário, rebatizada há algumas décadas» (Hông Nga & Sébastien, 2004). O justo valor da obra de Alexandre de Rhodes é, portanto, agora reconhecido pelas autoridades vietnamitas.

## Bibliografia

- Bordreuil, D. (1954). *Etude biographique schématique sur le R. P. Alexandre de Rhodes, s.j. (1591-1660), apôtre de l'empire d'Annam au XVIIe siècle*. Thèse Théologie. Faculté Libre de Théologie Protestante d'Aix en Provence.
- Brocheux, P.; Hémery, D. (2004). *Indochine: La Colonisation Ambiguë (1858-1954)*. Paris: Éditions la Découverte.
- Cadière, L. (1915). "Les Européens qui ont vu le Vieux-Huế: le Père de Rhodes". *Bulletin des Amis du Vieux-Huế*, juillet-septembre, pp. 231-250.
- Cadière, L. (1930). "Le titre divin en annamite, étude de terminologie chrétienne". *Revue d'Histoire des Missions*, t. VIII, pp. 1-27.
- Cadière, L. (1938). "Iconographie du Père de Rhodes". *Bulletin des Amis du Vieux-Huế*, pp. 27-62.
- DeFrancis, J. (1977). *Colonisation and Language Policy in Viet Nam*. La Haye. Mouton.
- Haudricourt, A.G. (1949). "Origine des particularités de l'alphabet vietnamien". *Dân Việt-Nam*, n° 3, pp. 61-68.
- Hông Nga; Sébastien (2004). "Bientôt un mémorial à Hanoï pour Alexandre de Rhodes". *Le Courrier du Viêt Nam*, 4 Juillet.
- Jacques, R. (1998). "Le Portugal et la romanisation de la langue vietnamienne. Faut-il réécrire l'histoire". *Revue Française d'Histoire d'Outre-mer*, vol. 85, n° 318, pp. 21-54.
- Lê Thị Xuyên; Pham Thị Quyên; Do Quang Viêt; Nguyễn Van Bich (2004). "Bref aperçu sur l'histoire de l'étude des parties du discours en vietnamien (1ère période)". *Histoire Épistémologie Langage*, vol. 26, n° 1, pp. 137-158.
- Lê, A. (1995). *Étude du nô, écriture idéographique de la langue vietnamienne: son histoire, sa structure et sa valeur littéraire*. Mémoire de Diplôme de Recherche et d'Études Appliquées, Institut National des Langues et Civilisations Orientales (Paris).
- Moussay, G. (2009). *Les Dictionnaires Vietnamiens du XVIIe au XXe Siècles*. Texto inédito amavelmente cedido pelo autor.



- Nguyễn Đình Hoa (1987). *Vietnamese Lexicography*. Online: <<http://www.thesmilingsun.com.au/default.asp?fid=111&lstd=7&lang=en>> (referência de 19-06-2013).
- Nguyễn Phú Phong (2001). "Regard comparatif sur les deux écritures vietnamiennes". *Cahiers d'Études Vietnamiennes*, n° 15, pp. 1-22.
- Nguyễn Văn Hoan (1984). "Le quốc ngữ, nouvel instrument de la langue vietnamienne". *Approches Asie*, n° 7, pp. 70-88.
- Pham Dan Binh (1993a). "Romanisation de l'écriture et alphabétisation au Viêt-nam. Bilans et problèmes". In: B. Fraenkel (dir.), *Illetrismes: Variations Historiques et Anthropologiques*. Paris: Centre Georges Pompidou, pp. 125-137.
- Pham Dan Binh (1993b). "Littérature vietnamienne et apport français au début du XXe siècle". In: C. Chen-Andro, A. Curien & C. Sakai (eds.), *Littératures d'Extrême-Orient au XXe Siècle: Essais*. Arles: Éditions Philippe Picquier.
- Rhodes, A. (1854). *Voyages et missions du Père Alexandre de Rhodes de la Compagnie de Jésus en la Chine et autres royaumes de l'Orient (Nouvelle édition par un père de la même Compagnie)*. Paris: Julien, Lanier et Cie. Éditeurs.
- Trinh Van Thao (2007). *Vietnam: du confucianisme au communisme*. Paris: L'Harmattan.
- Vu Khanh Tuong (1956). *Les missions jésuites avant les missions étrangères au Viêt Nam (1615-1665)*. Thèse de Doctorat en Théologie, Institut Catholique de Paris.